

Resumo Alargado

Documento este responsável pela base teórica que fundamenta o Projeto Final de Mestrado Integrado em Arquitetura, cuja temática significa a oportunidade de pensar uma área baldia encontrada no coração do concelho de Oeiras (junto ao existente Taguspark) e na possibilidade de implantação e desenho de um Campus Universitário. Inicialmente é demonstrada uma abordagem à escala urbana, com o propósito de adequada logística de um conjunto de propósitos volumétricos que alberguem as instalações necessárias ao funcionamento do campus. O programa contempla departamentos para dez cursos de engenharia e adequados serviços, uma biblioteca com zonas de estudo, um centro multiusos e de exposições temporárias, residências para os estudantes e docentes, uma interface de apoio ao transporte coletivo e, por fim, um centro de congressos que inclua nas suas funções um auditório.

Pensada esta fase, é inaugurada uma aproximação a um dos edifícios, tendo, por base de seleção, prioridades no foro pessoal e cumprimento de enunciado. O centro de congressos, pela sua complexidade programática e liberdade, acolhe esta escolha, sendo mantidas, como princípios projetuais, a fluidez de percurso e as suas, formalmente, intenções de percurso.

O processo, na sua totalidade, exigiu atender a preocupações ambientais, económicas e, sobretudo, sociais. Pretendeu-se desenvolver capacidades básicas necessárias à intervenção arquitetónica e a um entendimento alargado do território urbano, surgindo um investimento em novas formas de intervenção e transformação através de um processo complexo, multifacetado e numa perspetiva multidisciplinar. Um projeto de arquitetura que visa justificar a sua própria elaboração.

O edifício escolar assume de crescente importância um lugar na comunidade, com uma posição de destaque nos aglomerados urbanos, por isso, deve ser um espaço aprazível, funcional e aberto à comunidade, onde todos os utilizadores que ali convivem, estudam e trabalham se sintam confortáveis, bem-recebidos e em segurança. Nesse contexto, o desenvolvimento do projeto de uma escola além de enquadrado por um determinado programa funcional, está condicionado por indicadores dimensionais e pelo cumprimento de exigências legais profundamente complexas.

Este conjunto de fatores, transversais a todas as fases de desenvolvimento, no seu conjunto contribuíram para o resultado final de uma escola com adequadas condições de funcionamento.

METODOLOGIA PROJETUAL

Apoiado neste último facto referido, surgem as linhas definidoras, a uma escala afastada, da organização e volumetria dos espaços definidos.

Os departamentos

Desenvencilhados pelas linhas guia, surgem numa zona de menor acentuação do declive a sudeste da área de intervenção. O seu assentar no terreno é feito de forma a perseguir a mínima necessidade de impermeabilização do solo e, cada departamento, repetidamente, é rebaixado um nível (1m), desde o mais cotado a baixo até ao

topo. Entre volumes vive-se um ambiente exterior coberto que tem o propósito de resolver os acessos verticais e horizontais na sua totalidade: entre pisos, a relação entre a fila de departamentos e o restante campus e a relação entre volumes, que intuem de acontecer de forma complexa, sendo, por exemplo, possível de usufruto da cobertura de um departamento por parte do volume que o antecede a uma cota mais elevada. Surge, ainda, um espaço intersticial caracterizado por zonas de estadia e verdes. Funciona por níveis lajados que decompõem o declive natural, desenhando-se percursos no desenrolar das curvas de nível – fator influente na facilidade de percurso – que, não só conectam os departamentos entre si, mas também providenciam a ligação à via pública (que acontece a sul) mas também ao gesto volumétrico acima responsável por albergar programas de teor mais público - referentes à área administrativa da universidade, o centro multiusos e o centro de congressos.

A praça

Chegamos à praça. Descanso topográfico responsável por grande fatia dos fluxos e, simultaneamente, de libertar aso a modos de estadia. Desta zona rompem acessos às duas áreas funcionais anteriormente apresentadas, às duas vias que já incluem o tráfego automóvel e ciclístico, e, a caminho da principal destas, à artéria vertical do campus. É deste ponto que se constitui a principal ligação interina de atravessamento pedonal transversal ao declive, também descoberta pelos eixos guia do projeto. A Alameda Central é ladeada por áreas ajardinadas e diversos corredores pedonais que continuam a fazer a ligação entre a via principal e a zona dos departamentos.

Gesto volumétrico superior

Vive numa das zonas mais acidentadas topograficamente do interior do campus e, tirando partido disso e já como propósito de distribuição de fluxos, os níveis dos pisos encontram a topografia, adotando-se, em demonstração na escala adequada, o cobrimento das lajes por parte das curvas de nível, tomando-se mais clara uma ligação à praça na zona inferior, a promoção de fluxos laterais intrabanda num nível intermédio, e, ainda, o fluxo de chegada a tardo na parte superior.

Residências

Os volumes residenciais nascem com recurso à utilização dos alinhamentos da habitação adjacente pré-existente e os seus limites perimetrais surgem no seguimento da orientação de fluxos (algo já utilizado anteriormente), dando origem a três volumes longitudinais. Acomodam-se à topografia, sendo dispostos por níveis. Entre o superior – que se prevê para os docentes – e os outros dois – para os estudantes, vive-se numa zona prevista à utilização, quando noturna, exclusiva dos residentes. Um jardim, um espaço de convívio.

A própria vivência dentro de cada volume – que se distribui em dois pisos no volume de cima e de baixo e em três no intermédio - assume-se como principalmente funcional, sendo, passível de destaque, que no piso inferior, na fachada onde o declive prossegue a sua ascensão, temos um muro de suporte que, por razões de espacialidade, providencia pátios.

Biblioteca

Um volume que contribui para o preenchimento dos requisitos ao funcionamento adequado do complexo universitário, dispondo-se transversalmente ao declive – a exceção. Internamente, funciona em dois níveis, sendo o mais elevado dedicado a salas de estudo e open spaces, e o segundo a uma sala de leitura e cafetaria que se vira para sudoeste e a uma paisagem propositadamente natural que inclui um lago criado por aproveitamento da rede de linhas de água. Na zona baixa encontramos uma zona artificialmente aplanada de chegada, de onde rompem eixos de percurso.

Mobilidade - Interface

A área de estudo carece de um acesso via transporte coletivo, transformando-se assim num dos principais pontos a abordar à escala urbana. O Campus, enquanto espaço de reunião, quer para o seu objetivo primeiro – o Ensino e atividades relacionadas com empreendedorismo, quer como espaço de lazer e fruição, não é suficientemente permeável por imposição do eixo viário principal, que é responsável pela fragmentação do território, decompondo-

o em duas relevantes partes: por um lado, o Taguspark e uma zona habitacional mais recente (moradias geminadas regulares), e, por outro, o SEF e o próprio Campus. Para vencer esta barreira, surge uma plataforma de distribuição que se ergue 6 metros sobre a rotunda rodoviária, funcionando, o seu desenho, como uma duplicação da forma da rotunda e das suas quatro vias de distribuição, sofrendo uma rotação de 45 graus, libertando-se, assim, a ligação pedonal. Esta laje de desbloqueamento servirá também como novo modo de acesso por transporte coletivo, abordando-se uma paragem do reativado (intenção paralela) SATU (Serviço Automatizado de Transporte Urbano), sofrendo um redesenho da linha anteriormente definida. A estrutura do serviço de transporte desloca-se a uma altura, também, de seis metros acima do solo, intercetando a interface criada. Na via rápida existente, mais a Sul, existe um viaduto de ligação de trânsito entre as duas áreas já identificadas que são divididas pela via rápida, sendo por isso alvo de reestruturação ao nível logístico, para que seja assim facilitada a passagem do objeto capacitado de transporte. Ainda no capítulo respeito à mobilidade, o Campus delimita-se pela via urbana arterial – “caracterizada por interseções em nível, geralmente controladas por semáforo, com acessibilidade aos lotes lindeiros e às vias secundárias e locais” - que faz a ligação da A5 à zona norte de Oeiras; por duas vias coletoras (uma delas adicionada ao território e outra reestruturada) – “destinadas a coletar e distribuir o trânsito que tenha necessidade de entrar ou sair das vias de trânsito rápido ou arteriais”, e por uma via – também pertencente ao novo plano urbano – de cariz local, “caracterizada por interseções em nível não semaforizadas, destinadas apenas ao acesso local ou a áreas restritas”. Em termos de estacionamento, a área de intervenção – para evitar ocupação abusiva dos espaços, não aborda estacionamento à superfície – com exceção do arruamento local criado nas imediações de construções pré-existentes a sudeste, optando-se por estacionamento subterrâneo, sendo o acesso feito na via a norte, desenrolando-se o espaço sob a receção pedonal de nível na zona topo do Campus – a praça.

Este conjunto de decisões procuram manter e sublinhar a ideia inicial do projeto – uma intervenção numa área vasta que vence um grande desnível, intencionando-se constantemente a criação arquitetónica – e entenda-se arquitetura como espaço imaginado com o propósito último de utilidade. Paralelamente, e já referido, persegue a ideia de intervenção mínima no ecossistema e de integração nesse mesmo.

O EDIFÍCIO

Inserido na banda superior, no centro de congressos são vincadas as intenções projetuais do plano mestre. Dando continuidade aos acessos verticais do parque de estacionamento que funciona sob a praça, surge o primeiro piso. O piso da praça e do palco. Coberto pela laje do piso superior, vive uma zona exterior servida por casas de banho e por uma cafetaria. Zona de convívio que, consoante a intenção, se transforma numa plateia aquando da recolha dos painéis – que, juntos, se assemelham a um elemento vertical fixo.

O piso do auditório – o seguinte, insere-se na intenção de lateralidade, procurando a fluidez de percursos e de acessos, sendo geradas duas zonas de receção e de estada nos extremos do perímetro. É concretizada uma distinção de trajetos por recurso a dois elementos verticais fixos que, neste caso, abraçam a estrutura mestre do edifício. Do lado exterior, um atravessamento total longitudinal, enquanto que do lado interior se acede ao auditório. Quatro pontos de acesso controlado seguido de uma rampa que vence um metro de altura, que confluem num corredor de distribuição para os dois lances da plateia.

Dentro do auditório impôs-se versatilidade. Por um lado, tornou-se possível o fechamento da plateia superior, e, por outro, teve-se em conta a distância do palco ao início da plateia, para que a sala pudesse – e por estar inserida no contexto – ser utilizada como sala de cinema, propondo-se uma tela de projeção recolhível. No nível inferior, acedemos a uma porta de emergência com ligação direta ao exterior.

O piso superior é definido pela sua ligação ao exterior na fachada a norte, respetiva resolução de desníveis, e pelo albergio de salas de reunião e escritórios. Novamente, nos seus extremos, temos zonas de receção e convívio, bem como distinções de percurso. Neste caso, do lado interior é proporcionado um atravessamento total longitudinal ladeado pela parede fixa que envolve a estrutura mestre e pelo seguimento envidraçado interrompido por caixilhos que proporciona uma vista sobre a cobertura ajardinada do auditório. Do outro, é-nos provida a experiência de um corredor interrompido de um dos lados pelos acessos às salas de reunião e escritórios.

Por fim, culminamos com um meio piso responsável pela restauração. Um local que surge isolado devido à inclinação da cobertura, pontuando-se como espaço privilegiado hierarquicamente, tanto ao nível da própria paisagem, como do ponto de vista formal.

O interior do centro de congressos persegue vivências cruzadas. Com isto quer-se dizer, e utilizando exemplos concretos, a circulação acompanhada de envidraçado no terceiro piso que nos permite a comunicação visual de um lado ao outro dos limites do auditório; o mezanino criado no piso da restauração que gera relações visuais entre esse piso e os fluxos do piso das salas de reunião e escritórios; ou, como último acontecimento, no piso zero a tardoz – zona maioritariamente de serviço – existir uma vivência exterior com comunicação vertical.

A inclinação da cobertura – que também acontece noutros volumes – surge por dois motivos principais: pela intenção de camuflagem, ou integração, na paisagem, que, na banda onde se insere o centro de congressos, do lado oposto arranca do próprio solo – último volume este dedicado ao centro multiusos e de exposições temporárias; e, simultaneamente, pela aplicação de painéis solares nas coberturas mais avantajadas em exposição solar, abordando novamente questões sustentáveis.

MATERIALIDADE

Optou-se por uma metodologia construtiva que assenta sobre premissas eficientes. O corte construtivo representa a maior unidade construtiva do centro de congressos.

Assente sobre o vigamento em madeira pertencente à estrutura mestre, os elementos horizontais que permitem os fluxos surgem num sistema teto falso – estrutura – laje aligeirada pré-fabricada em betão – e, assente em apoios flexíveis, o pavimento flutuante em madeira. As lajes paralelas ao solo seguem esta lógica. Os elementos verticais, na sua maioria, integram a mesma ideia de pré-fabricação. Os elementos em contacto com o terreno, tanto a laje do primeiro piso, a parede mestre de contenção a tardoz e o piso subterrâneo nascem com recurso a métodos tradicionais de construção in situ, que acabam por ser responsáveis pela ancoragem do edifício no local, sendo os restantes elementos construtivos, ao limite conceptual, adicionados.

A proposta apresenta-se como um trabalho consolidado, consciente e informado, que dá resposta à estratégia elaborada, ao programa e às necessidades do lugar, em concordância, em tom de opinião pessoal, com as aspirações de prosperidade urbanísticas e sociais que se encaram.

O Campus do Conhecimento assume-se como uma estrutura urbana delineada simultaneamente como espaço público e privado, como elemento charneira entre dois mundos: o Taguspark e a zona habitacional e o resto do concelho.

Espera-se que este projeto possa contribuir para questionar o futuro desta área, e, paralelamente, demonstrar a minha capacidade de gerar arquitetura.